

Poéticas, políticas e performances de folias de reis em tempos de pandemia de Covid-19¹

Poetics, politics and performances of folias de reis in times of the Covid-19 pandemic

Wagner Chaves

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Daniel Bitter

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Este artigo aborda o modo como os foliões de reis enfrentaram a pandemia de covid-19 na elaboração e na celebração de seus rituais festivos no período de 2020 a 2022. Partindo do caso das folias de reis do Rio de Janeiro, observamos como esses grupos adaptaram seus rituais e expressaram suas angústias, anseios e devoções através de performances poético-políticas. Mostramos como as redes sociais digitais têm desempenhado um papel fundamental na mobilização desses grupos e na produção de sua autoimagem. O texto explora o universo da criação de versos rimados, especialmente por parte de um personagem singular das festividades conhecido como “palhaço”. Através dessas performances vocais, foliões de reis apresentam uma notável crônica da pandemia, veiculando perspectivas políticas, morais e éticas sobre o impacto desse fenômeno em suas vidas cotidianas e rituais, também formulando concepções cosmológicas acerca de saúde e doença, vida e morte.

Palavras-chave: Folias de reis, Pandemia de covid-19, Poesia oral, Política, Crítica social.

¹ Este artigo foi produzido no contexto dos debates promovidos pelo Observatório Antropológico: Festas na Pandemia (UFRJ/UFF/UFPE), coordenado por Maria Laura Cavalcanti, Renata de Sá Gonçalves e Hugo Menezes Neto, entre outros. Somos gratos pelas considerações feitas ao nosso trabalho durante os seminários organizados pelo referido grupo. A pesquisa também tem contado com a participação voluntária da estudante de graduação em antropologia da UFF, Vivian Fiore Felismino.

Recebido em 18 de junho de 2022.

Avaliador A: 28 de julho de 2022.

Avaliador B: 14 de agosto de 2022.

Aceito em 06 de outubro de 2022.



ABSTRACT

This article addresses how *foliões de reis* faced the covid-19 pandemic while preparing and celebrating their festive rituals from 2020 to 2022. Based on the case of the *folias de reis* in Rio de Janeiro, we observe how these groups adapted their rituals and how they expressed their anxieties and devotions through poetic-political performances. We address the way digital social networks have played a fundamental role in the mobilization of these groups and in the production of their self-image. The text explores the universe of creation of rhymes, especially by a singular character of these festivities known as *palhaço*. Through these vocal performances, the *foliões de reis* present a remarkable chronicle of the pandemic, conveying political, moral, and ethical perspectives on the impact of this phenomenon on their daily and ritual lives, in addition to formulating cosmological conceptions about health and disease, life and death.

Keywords: Folias de reis, Covid-19 pandemic, Oral poetry, Politics, Social criticism.

NOTAS SOBRE O CONTEXTO, TEORIA E MÉTODO

Folias de reis são rituais festivos populares difundidos por grande parte do território brasileiro. Fazem parte da nossa história desde o período colonial, manifestando-se em áreas rurais, cidades interioranas e nas metrópoles, especialmente na periferia, onde predomina uma população pobre, marginalizada e negra. São justamente esses extratos da população que mais sofrem com todo tipo de desigualdade que compõem a maior parte das folias. Trata-se fundamentalmente de grupos de cantores e tocadores que visitam casas de parentes, vizinhos e amigos durante o período natalino, compreendido entre 25 de dezembro e 6 de janeiro (o Dia dos Reis Magos ou Dia de Reis), para louvar o nascimento do menino Jesus e abençoar as famílias, dramatizando a viagem mítica dos santos reis magos. Os ritos acontecem tradicionalmente por meio do encontro e da circulação de pessoas, coisas e santidades, que mobilizam comunidades relativamente restritas. As visitas rituais, denominadas *jornadas*, colocam em circulação uma ampla gama de bens materiais e simbólicos tais como bênçãos, graças, visitas, refeições, bebidas, dinheiro, presentes, favores, cantos religiosos, trabalhos, versos poéticos, divertimento, danças etc. Configuram-se como extensos e complexos sistemas de trocas (MAUSS, 2003) em que se fortalecem e se criam laços sociais fundamentais. Ao realizar esses rituais, os foliões consolidam suas relações sociais e cósmicas e procuram, ainda, garantir as dádivas e benesses

de seus santos protetores, de modo a afastar malefícios, ameaças e doenças. Notamos ainda que a realização dessas práticas tradicionais é uma forma de essas comunidades, historicamente oprimidas e excluídas, fortalecerem sua resistência cultural e afirmarem sua existência.

Os grupos são hierarquizados em funções especializadas como as do *mestre*, *contramestre*, *alferes*, cantores, tocadores e palhaços. Os últimos são personagens mascarados de presença marcante nas folias do Rio de Janeiro. Caracterizam-se pelo uso de máscaras de aparência grotesca e fardas coloridas de tecido, chitão ou farrapos que lhes cobrem todo o corpo. Com a identidade ocultada pela máscara e pela vestimenta, que funcionam como disfarces, o palhaço declama versos memorizados ou de improviso conhecidos como *chulas*, de caráter cômico e de crítica social (CHAVES, 2008). As *chulas* acontecem fora das casas, em terreiros ou na rua, diferentemente das rezas e cantorias, que ocorrem no interior das casas dos devotos, especialmente na sala e diante da bandeira dos santos e presépios. Durante suas performances, os palhaços realizam ágeis danças e movimentos acrobáticos ao som de toques musicais intensos, executados por um conjunto instrumental.

A *brincadeira do palhaço* é, de certa forma, o lugar potencial da subversão, da desordem e da criatividade, em contraste com a formalidade e a solenidade do canto, da música, das palavras e dos gestos dos foliões. Os palhaços caracterizam-se ainda como personagens “liminares” (TURNER, 2005), “perigosos”. Por essa razão, são cercados de obrigações, regras e restrições. Tais características se devem aos significados a eles atribuídos. Algumas interpretações os relacionam com o rei Herodes ou com seus soldados, que, de acordo com os mitos difundidos entre os foliões, seguiram a trilha dos magos em perseguição ao menino Jesus. Os palhaços às vezes também são associados a Judas, o apóstolo que teria traído Jesus, ou ainda a Exu², entidade presente em muitos cultos afro-brasileiros. A performance, praticada por pequenos grupos, se desenrola frequentemente num contexto de rivalidades e disputas em torno da afirmação de reputações, através da demonstração de atributos de versador e dançarino, colocando em cena aspectos importantes de suas subjetividades (BITTER, 2008).

Neste artigo indagamos, ainda, como as folias têm se (re)inventado nos tempos de isolamento social imposto pela pandemia de covid-19 e como foliões têm interpretado o evento a partir de suas próprias cosmologias e moralidades. Considerando que as festas se fazem nos encontros, na proximidade pessoal e corporal, nas trocas materiais, simbólicas e afetivas,

2 Exu é um orixá cultuado por religiões de matriz africana conhecido por exercer a função de mensageiro entre o mundo terreno e o mundo dos orixás. Frequentemente é considerado perigoso, por ter o poder de questionar as regras e promover transformações, muitas vezes sem respeitar limites. Vale destacar que, embora as folias se vejam como manifestações fundamentadas numa forma vernacular de catolicismo, seu trânsito por contextos religiosos afro-brasileiros é muito marcante.

nas cantorias e danças e no compartilhamento de comidas e bebidas, como pensá-las nesses tempos liminares? Como foliões concebem as noções de saúde e doença e de vida e morte, uma vez que seus rituais são considerados potencialmente curativos? Que transformações as práticas dos foliões de reis têm sofrido quando expandidas para as redes sociais digitais³? Quais táticas políticas e poéticas de resistência são adotadas por foliões de reis para celebrar seus rituais obrigatórios diante de normas e regras de isolamento social e cuidados sanitários? Pode-se indagar acerca da ausência de uma ação mais enérgica por parte do Estado brasileiro na condução da crise? Essas e outras tantas perguntas são o ponto de partida da pesquisa.

Buscamos abordar essas questões a partir de uma pesquisa empírica realizada entre 2020 e 2022 através da imersão dos pesquisadores nas redes sociais digitais em que as folias de reis mantiveram uma intensa atividade de interação, com postagens e transmissões das celebrações. Ainda como estratégia de pesquisa, organizamos uma série de *lives* denominada “Conversas de folia”, transmitida pela página do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF) da Universidade Federal Fluminense -UFF (@parabolicamará) em dois momentos: em 30 de outubro de 2020, com a presença de Hevalcy Ferreira da Silva, mestre da Folia Sagrada Família da Mangueira, e de Ronaldo Silva Junior (Juninho), mestre de palhaços da Folia Penitentes do Santa Marta; e em 18 de dezembro de 2020, com a participação dos mestres Rogério Moraes, do Reisado Flor do Oriente, e Wellington do Carmo (Bokinha), do Reizado⁴ Flor da Primavera, ambos de Duque de Caxias. As *lives* nos aproximaram das perspectivas dos foliões e estimularam o diálogo entre eles. Complementarmente, realizamos algumas breves incursões presenciais de campo, nos momentos em que a pandemia parecia mais controlada: estivemos no Morro Santa Marta, na saída da folia, no dia 25 de dezembro de 2021, e no Jardim Primavera, em Duque de Caxias, em 7 de maio de 2022, por ocasião da *festa de arremate* do Reisado Folia Flor da Primavera.

A escolha dessa abordagem metodológica decorre dos próprios limites impostos pela pandemia à realização de um trabalho de campo convencional. Também consideramos que a pesquisa no universo do ciberespaço nos fornece horizontes originais. A experiência nos

3 Optamos por usar essa noção ao longo do artigo por nos parecer mais neutra e mais próxima da categoria usada por nossos interlocutores que se referem às redes sociais do Facebook, Instagram e outros. Entretanto, entendemos que as redes sociais digitais se configuram menos como um simples *locus* de sociabilidades e mais como uma rede heterogênea de agentes em contínua transformação, conectando o social e o técnico, o humano e o não humano. Nos inspiramos aqui na ideia de “redes sociotécnicas” proposta por Latour (1994) e nos apoiamos nas reflexões desenvolvidas pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisas em Ciberantropologia (GrupCiber) da Universidade Federal de Santa Catarina (SEGATA e RFIOTIS, 2016). Neste artigo, porém, não nos dispusemos a explorar todo o potencial teórico e metodológico do conceito, deixando essa tarefa para desdobramentos futuros.

4 Optamos por respeitar a grafia original do grupo.

alertou para o fato de que as redes sociais digitais cumpriram um papel crucial no modo como esses grupos contornaram as restrições impostas pela pandemia e na forma como produzem sua autorrepresentação. Foliões e devotos enredam-se numa rede de trocas de informações, imagens, vídeos, textos, poesias, declarações e notícias de eventos que contribuem para fortalecer os grupos e sua autoimagem. Para os fins da pesquisa, focalizamos folias de reis da região metropolitana do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense, em função das nossas trajetórias de pesquisa e dos laços com nossos interlocutores. A especial atenção dada aos palhaços aqui se justifica, pois uma parte significativa deste artigo é dedicada à observação e à análise dos versos poéticos expressos por esses personagens.

Um aspecto particularmente notável da realização desses festejos no estado do Rio de Janeiro é o modo como folias de reis de distintos territórios se articulam em redes de relações, inclusive promovendo encontros regulares entre os grupos, especialmente no contexto de celebração das chamadas *festas de arremate*⁵. Essa rede que conecta foliões e devotos em dinâmicas de trocas de reconhecimento ritual se estende e se amplia pelas redes sociais plataformizadas na internet (LEMOS, 2021).

Notamos que essa intensa atividade se ampliou durante a pandemia e tornou-se um meio de possibilitar a expansão das celebrações e o contato com seu público. Grupos que decidiram não realizar seus rituais durante o período da pandemia e outros que as realizaram em arranjos criativos fizeram amplo uso das redes sociais digitais, com uma importante repercussão no modo como representam a si mesmos. A impossibilidade do público de presenciar diretamente os rituais foi muitas vezes compensada por sua publicização nas redes sociais, principalmente no Facebook e no Instagram.

Alguns aspectos vêm nos chamando atenção, enquanto pensamos nas aberturas e ampliações do horizonte empírico e teórico. Inicialmente, as discussões e problematizações sobre as concepções dos foliões de reis de saúde e doença nos chamaram atenção, especialmente quando começamos a investigação sobre a folia no contexto da pandemia. Afastamo-nos das concepções estritamente biomédicas de doença, o que nos permitiu perceber que, para muitos foliões de reis, realizar suas celebrações, ainda que adaptadas às condições da pandemia, consistia em garantir o bem-estar geral a partir de sua própria perspectiva de existência (VICTORIA, 2011). Somando a essa linha de investigação, e em sintonia com ela, neste artigo, procuramos

⁵ As festas de arremate são grandes festejos que encerram o ciclo ritual das folias de reis. Na ocasião, as dádivas acumuladas ao longo das jornadas são distribuídas às comunidades participantes, com vultosa oferta de comida e bebida. No Rio de Janeiro, essas celebrações costumam agregar um grande número de folias, que são convidadas a comparecer e a se apresentar para o público.

ainda abordar outra linha de investigação, em sintonia com a primeira: as construções poéticas dos foliões, especialmente aquelas dos personagens mascarados conhecidos como palhaços, articulando-as com as concepções éticas, políticas, morais e cosmológicas desses sujeitos e de suas coletividades.

SOCIABILIDADES REISEIRAS, REDES SOCIAIS DIGITAIS E PANDEMIA DE COVID-19

Notamos que as redes sociais digitais têm desempenhado um papel crucial no fortalecimento e na ampliação dos vínculos entre os foliões de reis e a comunidade mais abrangente de devotos. Folias de reis participam de grupos de WhatsApp e muitas dispõem de páginas próprias no Facebook, no Instagram e no Twitter. Ao acompanhar as publicações veiculadas na página de uma folia, é comum observar menções a outras páginas de outros grupos, que compartilham com ela não somente publicações e *posts*, mas também situações e encontros presenciais. Percebemos que, durante a pandemia de covid-19, as atividades dos grupos nas redes sociais intensificaram-se significativamente, provavelmente em razão da exigência de isolamento social que afetou as celebrações presenciais. Nesse período, multiplicaram-se as páginas de grupos e as *lives* de performances no YouTube e em outras plataformas de *streaming*.

Observamos que *smartphones* são amplamente utilizados para registros de foto, vídeo e áudio dos rituais, que circularam amplamente nessas redes sociais, gerando reações, respostas, estimulando trocas, rivalidades etc. Por meio dessas redes, cria-se o que parece ser uma grande “comunidade” (ou sociabilidade) reiseira que se amplia em diferentes espectros e fluxos.

Até o momento, parece haver poucos estudos sobre a atividade das folias de reis nas redes sociais digitais, e esta pesquisa visa justamente afazer uma contribuição que preencha essa lacuna. Se até alguns anos atrás o trabalho de campo realizado por meio da internet era visto com desconfiança ou como uma atividade menor pela antropologia, hoje a situação é bem diferente. É difícil ignorar essa dimensão no estudo das folias de reis e de outros rituais festivos, particularmente em áreas urbanas (LEWGOY, 2009).

É importante salientar que não concebemos o ciberespaço apenas como um dispositivo de mediação comunicacional (ESCOBAR, 1994). Tampouco consideramos que a etnografia no ciberespaço seja simplesmente uma transposição da etnografia “convencional” para contextos virtuais ou *on-line*, concepção que já foi objeto de uma relevante crítica (RIFIOTIS, 2016).

Entendemos que o próprio ambiente virtual, com suas estruturas agentivas específicas, deve ser, ele próprio, objeto de observação. Consideramos que a tecnologia não é extrínseca às relações sociais, como, aliás, já havia mostrado, de algum modo, Marcel Mauss (2003). Para o autor, há uma intrínseca relação do social com a técnica e com os objetos materiais.

Apoiados nessas ideias, iniciamos nossas indagações confrontados por uma dúvida: as folias dariam sequência ou não às suas celebrações? Em que condições o fariam, diante das condições apresentadas pela pandemia? As respostas aos impasses provocados por essa doença viral foram muito variadas. Diferenças de classe social, gênero, raça, geração, nível de instrução, local de moradia, ideologia e disposições psicológicas, entre outras, mostraram-se altamente relevantes. Observamos também que, mesmo dentro de grupos menores, como uma família, essas reações podem variar e gerar fortes conflitos. Como bem mostrou Mary Douglas (1976), as noções de pureza, perigo, saúde e doença relacionam-se às concepções de ordem e desordem e dizem respeito a moralidades particulares. Disso decorre o fato de que a compreensão vernacular da pandemia e dos cuidados de higiene considerados adequados à proteção da saúde podem variar culturalmente.

Notamos ainda que as folias são rituais festivos de pequena escala e se realizam pela mobilização de mediações mais circunscritas e localizadas, quando comparadas com festas de maior amplitude. A decisão de realizar uma *jornada* cabe ao próprio grupo de foliões e, em geral, leva em conta, entre outros aspectos, os compromissos e obrigações dos devotos, alguns dos quais esperam a visita da folia para cumprir suas promessas para com os santos (BITTER; CHAVES, 2021).

Alguns foliões expressaram suas dúvidas e sentimentos de devoção de modo peculiar, a exemplo daquelas postadas na página do Facebook Papo de Folia de Reis no dia 14 de dezembro de 2020. Reproduzimos alguns trechos a seguir:

Postagem dos administradores:
(135 curtidas, 23 comentários e 27 compartilhamentos)

EU AMO folia de reis! E VOCÊ?
Que os três reis do Oriente nos ilumine por mais um ano! Que nos livre de todas as doença que estão ocorrendo no mundo

Resposta de Nelson Eva:
Santo Reis já está no comando

Resposta de Eleacir dos Santos:
Sou devoto de Santos Reis tenho uma jornada a 55 anos este ano não sairemos devido a pandemia ano que vem deus proverá nossa jornada de reis nas estradas em nome de Jesus Cristo eu confio

Resposta de Elizeu Pereira Batista:

Eu amo folia de reis e alem disso tambem sou folião muito triste por não poder sair com a folia no dia 25/ de dezembro por causa da pandemia para mim e pior de que ficar internado ne hospital que os três reis interceda por todos nós amém. (PAPO DE FOLIA DE REIS, 2020).

O que esses comentários parecem revelar é que o enfrentamento da pandemia se apoia num tênue equilíbrio que exige uma negociação capaz de articular aspectos devocionais, materiais e uma série de interesses e mediações, revelando uma dinâmica que põe em jogo riscos, obrigações, fundamentos, medos e a sobrevivência física e material de seus agentes, na maioria dos casos representantes das classes populares. Numa postagem na página do Facebook do Reizado Flor da Primavera⁶, mestre Bokinha enuncia:

Estamos numa pandemia, sabemos bem né, mas as praias estão cheias, igrejas, terreiros, então vamos nos programa para nosso giro sim. Vai ter devotos que vai aceita assim como tbm vai ter aqueles que não vão. Temos que respeita o direito e a escolha de todos.. só para mata a curiosidade deixa ai uma sugestão da onde vcs querem receber a familia roxa e preta. (15 de setembro 2020. 26 curtidas, 26 comentários e 2 compartilhamentos). (REIZADO FLOR DA PRIMAVERA, 2020).

Observamos que algumas folias decidiram realizar suas jornadas em dezembro de 2020, embora não o tenham feito sem hesitação e receio. É relevante considerar que, nos contextos particulares aqui tratados, as pessoas desenvolveram sua própria interpretação do contato social seguro, que tem relação direta com suas formas de sociabilidade, fortemente apoiadas nas redes de parentesco e vizinhança. É preciso também levar em conta que as folias de reis são formadas por pessoas negras, de estratos sociais menos favorecidos e residentes de áreas periféricas que muitas vezes vivem em condições que os impedem de seguir idealmente as recomendações das organizações sanitárias. Para essas pessoas oprimidas cotidianamente, a pandemia é uma dentre muitas mazelas a ser enfrentadas diante da ineficaz ação do Estado nos domínios da moradia, da educação, da saúde e do saneamento, entre outros.

Nesse contexto é que aparece a significativa a elaboração poética dos palhaços sobre a pandemia, ao apresentar formulações de crítica social e política em torno da condução da crise pelo governo federal. Nas folias, cabe a eles traçarem essas pontes, atravessamentos e traduções entre as diferentes dimensões da vida social. Tais construções parecem modular-se ao longo dos diferentes momentos e fases da pandemia. Sugerimos, portanto, que a “função poética” (JAKOBSON, 1973), nas folias, assume também um caráter político.

⁶ Idem.

POÉTICAS E POLÍTICAS DA PANDEMIA

Na folia, uma das habilidades valorizadas nas performances dos palhaços é o virtuosismo e a competência no uso da palavra. Eles são os verdadeiros donos da palavra. Palavra que é crítica, irônica e inventiva. A poética dos palhaços de folias, como outras poéticas, se atenta aos critérios relacionados à estrutura dos versos (como o número de sílabas, as acentuações, os prolongamentos etc.), à organização de unidades significativas ou modalidades poéticas (a organização do poema em estrofes de quatro, seis, sete versos, e assim por diante), além de preocupações com as regras de construção de rimas, como a rítmica, a sonoridade etc.

A fala poética dos palhaços no contexto das folias, é, desse modo, uma fala que articula as dimensões sensíveis, semânticas e pragmáticas das palavras. Em tal estética, as palavras, que se tornam vivas quando inscritas e textualizadas nos cadernos e celulares dos poetas, nas postagens das redes sociais ou nas performances vocais dos palhaços acabam movimentando e gerando pensamentos, reflexões e emoções diversas.

Não à toa, os palhaços são identificados e se identificam como poetas. A construção e o reconhecimento do palhaço enquanto poeta se deve ao talento que desenvolve para criar, memorizar e escrever versos e às suas capacidades mnemônicas de decorá-los, bem como às suas habilidades performativas ao transformar textos escritos e memorizados em recitações vivas e interativas⁷. Embora alguns palhaços declamem versos de improviso e afirmem criá-los na hora, nossas observações e vivências junto às folias nos levam a crer que, se em algum nível eles improvisam, a criação e a memorização dos versos, no geral, se dão antes da performance⁸.

Analisando algumas *lives* e consultando as páginas das folias pesquisadas, percebemos como a pandemia se torna assunto e inspiração para a reflexão, criação, expressão verbal e construção poética dos palhaços. A ambiguidade e inventividade desses personagens no interior das folias são aspectos que já foram destacados por nós (BITTER 2010; CHAVES, 2008) e aqui

7 Estamos evidenciando a dimensão e as habilidades poéticas dos palhaços. No entanto é bom salientar mais uma vez que tais personagens, durante suas performances, mobilizam não somente palavras, mas também seus corpos. Tendo em vista os propósitos deste texto, nos deteremos nas dimensões poéticas e recitativas relacionadas ao uso da palavra e da fala por esses personagens sem, contudo, desconhecer os aspectos multissensoriais de suas performances.

8 O que parece estar em jogo na dinâmica de aprendizado e transmissão de conhecimentos envolvidos no processo de alguém se tornar e atuar como palhaço é uma intrincada e complexa relação entre oralidade e escrita, que se manifesta tanto na criação e composição dos versos como nas práticas de memorização e recitação. A despeito de essas formas poéticas frequentemente fazerem uso da escrita, argumentamos que seu caráter é fundamentalmente oral. Um exemplo claro é a própria forma como o conteúdo poético oral dos palhaços é grafado em posts nas redes sociais, seguindo uma lógica, uma gramática e uma sintaxe próprias, muito mais próximas da vocalidade do que da cultura escrita, tal como se desenvolveu na tradição ocidental moderna.

parecem se manifestar poeticamente.

Começamos esse breve inventário com uma poesia do mestre Hevalcy Ferreira da Silva, da Folia Sagrada Família da Mangueira, que, logo nos primeiros dias da pandemia, precisamente no dia 17 de março de 2020, publica na página do Facebook do grupo Só Palhaço de Folia os seguintes versos:

Meu povo me da licença / Para este tema abordar / A palavra pandemia / Deveríamos
respeitar / Evitando aglomerações / Plural hoje é singular

Muita gente não leva a sério / Não ver que a coisa é agravante / A peste tá se alastrando
/ E as perdas são fulminante / Mais a galera num tá nem aí / O brasileiro é interessante

Não quer saber dos riscos / Para ele é tudo normal / Não dá ibope as notícias /
Transmitidas no jornal / Para ele tudo é festa / Praia churrasco e Carnaval

Ainda não se deram conta / Do que está acontecendo / Se espalhando pelo o mundo
/ Muita gente está morrendo / As estatísticas só aumentam / É ele finge que não está
vendo

Começou lá pela China / Esta triste devastação
Uns falam que o morcego / Com a cobra fez mutação / E o morcego por ser mamífero
/ Deu a proliferação

Outros falam que um cientista / Conhecido como wslan / Em suas experiências / Na
cidade de Wsrn / Que criou este vírus / Vê se esse tem mente sã

Também encontra-se quem diga / Que vem das escrituras sagradas / As doenças que
não tem cura / A anos profetizada / No livro de apocalipse / Lá estão registradas

De onde vem não sabemos / Esta monstruosidade / É vírus respiratório / Assombrando
a humanidade / Comparado a uma pneumonia forte / E que mata de Verdade

E o modo de evitar / É a higienização / Recomenda-se várias vezes / Que sejam lavada
as mãos / Fazer uso do álcool gel / E evitar aglomeração

Tudo sendo divulgado / No jornalismo da TV / Que até as emissoras / Mudaram seu
proceder / Auditórios e novelas / Por um tempo não vão ter

Shows cinemas e teatros / Foram todos cancelados / As praias e os estádios / Já não
são recomendados / É as férias escolares / Também foi antecipado

Nos pedem para ficar em casa / Assim o vírus não se promove / Sair só para o necessário
/ Para ver se o problema resolve / Evite o Coronavírus / O tal Covid-19 (SILVA, 2020)

A primeira observação sobre a poesia de mestre Hevalcy⁹ é que ela foi escrita e publicada no calor dos primeiros dias da pandemia – lembremos que a decretação do estado de pandemia em nível mundial pela Organização Mundial da Saúde (OMS) ocorreu em 11 de março de 2020; no Brasil, em 20 de março do mesmo ano. Hevalcy elabora, portanto, sua expressão e

⁹ Hevalcy, que atualmente é mestre de folia, desempenhou por muito tempo a função de palhaço. Além das habilidades poéticas, ele ainda toca diversos instrumentos musicais que compõem o conjunto instrumental das folias – sanfona, viola, cavaquinho, caixa e bumbo. Durante sua participação na *live* organizada por nós, chega a admitir que “Dentro da folia de reis eu faço tudo” (MESTRE HEVALCY, 2020).

interpretação poética no ínterim entre o reconhecimento mundial e o nacional de que estávamos diante de uma pandemia.

Quanto à forma, a poesia é construída em sextilhas, termo que corresponde às estrofes de seis versos ou linhas, sendo que cada linha (verso) compreende frases de sete sílabas¹⁰. Nesse modo de estruturação poética, muito comum em diferentes práticas populares (como na cantoria de viola, na pajada gaúcha, no samba de roda etc.), a rima se dá entre o segundo, o quarto e o sexto versos. Tomando como referência a última estrofe da poesia, nota-se que a rima se dá entre as palavras “promove”, “resolve” e “Covid 19”.

Uma observação que dialoga com nosso interesse em investigar a inserção das folias em redes sociais digitais se relaciona aos canais em que a poesia circula e é divulgada. No caso em análise, a poesia foi postada simultaneamente em duas páginas. A primeira delas é a página Só Palhaço de Folia de Reis¹¹. Trata-se de uma página da rede social Facebook no formato de grupo público e aberto. Em um sobrevoo pelas publicações veiculadas na página, embora se note, uma vez ou outra, a divulgação de postagens sobre temáticas variadas, a maioria do material se refere às folias de reis, especialmente ao universo dos palhaços. Quando escrevemos este artigo, o grupo possuía mais de 6.800 membros e uma dinâmica média de três publicações por dia. A poesia de Hevalcy, publicada em 17 de março de 2020, teve 17 curtidas, três comentários e dois compartilhamentos. Além de publicar no grupo Só Palhaço de Folia, o mestre republica a poesia no mesmo dia em sua página pessoal, recebendo 11 curtidas, três comentários e um compartilhamento¹².

Pouco mais de um ano após a publicação da poesia de Hevalcy, em um contexto de intensificação e agravamento da pandemia no Brasil – lembremos que março, abril e maio de 2021 foram os meses mais letais de toda a pandemia, contabilizando, de acordo com dados

10 Como se trata de uma poesia que, apesar de escrita, é concebida oralmente, em muitas partes, apesar de as frases compreenderem oito ou até dez sílabas, isso não quer dizer que os poemas se afastam do modelo de sete sílabas. Isso porque é na recitação – no modo como o texto se transforma em fala – que a versificação se organiza em relação a aspectos rítmicos e fonológicos. Nesse plano da execução, o poeta acomoda o texto ao ritmo e à métrica, observando, em sua performance, aspectos relacionados a entonação, pausas, acentuações, prolongamentos, junções etc. Para uma análise aprofundada das relações entre modelos poéticos e performances vocais no contexto da cantoria nordestina, ver Sautchuk (2012).

11 Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1535132396731799/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

12 Não é de nosso interesse, aqui, proceder a uma análise mais aprofundada da dinâmica das páginas (sejam as pessoais, sejam as de grupos), mas tão somente mencioná-las e chamar a atenção para a relevância que as redes sociais digitais vêm assumindo nas interações entre foliões, devotos e o público em geral. Neste caso em particular, a quantidade de reações suscitadas pela poesia do mestre Hevalcy é compatível com a média de curtidas, comentários e compartilhamentos das publicações observadas na referida página.

oficiais, 207.849 óbitos¹³ –, no dia 6 de junho de 2021, no canal do YouTube do palhaço de folia Pinguim de Miracema, uma *live* reuniu importantes representantes da cultura das folias no Rio de Janeiro¹⁴.

A *live*, intitulada “Folia de Reis Mirim da Formiga – com os poetas Gigi, Renatinho Disciplina e Chacal”, teve a mediação de Carlos D. Prohairesis e do mestre e palhaço de folia Bokinha (Wellington Carmo). Durante as três horas de transmissão, os poetas (todos palhaços de folia) narraram sua iniciação nas folias de reis, discorreram sobre os processos de criação e memorização de versos, sobre os métodos, experiências, dificuldades, rivalidades e desafios envolvidos na vida do palhaço. A proximidade entre os participantes, que, com a exceção de Carlos, compartilham do mesmo ofício no universo das folias e já se conheciam previamente, torna a conversa amistosa, franca e profundamente reveladora das complexidades, ambiguidades e periculosidades desses personagens e de suas práticas.

A pandemia, que na ocasião já havia levado a vida de mais de 470 mil brasileiros e brasileiras, também foi um assunto tratado na conversa. Em determinada altura da transmissão, Gigi dos Borges, de Santo Antônio de Pádua, integrante da Foliados Borges, foi provocado por um comentário do *chat* a recitar sua poesia sobre a “gripezinha”. O comentário fazia referência aos versos que Gigi havia criado sobre a pandemia, tratada com desdém pelo presidente da República em março de 2020, que comparou a doença a uma “gripezinha”.

Instigado por Bokinha e Chacal, Gigi olha para o seu entorno à procura do que chama de “colinha” para lembrar. O escrito com a gripezinha não foi encontrado naquela hora, e Gigi rapidamente se lembrou de uma outra poesia que havia composto com temática semelhante. Ele assim expressa sua proposta: “Vou fazer o seguinte, eu vou falar o outro e esse da gripezinha que pediram... é o que eu falei na live lá em Pádua. Mas eu fiz um outro mais novo, no caso né, que tem a ver com a gripezinha também. Será que vai valer, ou tem que ser o outro?” Após dar uma boa risada, ele adianta, “É o seguinte, vamo lá”:

Silêncio eu peço aos amigos / E sinceramente eu confesso / Bokinha, eu pensei umas cinco vezes, rapaz / Pra mim escrever esse verso / Deu trabalho, eu me emocionei / Sinceramente eu confesso

13 Tendo em vista a subnotificação e o represamento de dados por parte dos órgãos oficiais, presume-se que o número real de mortes por covid no período (e em toda a pandemia) deve ter sido muito superior ao divulgado.

14 O canal “Pinguim de Miracema” é dedicado à cultura das folias de reis, especialmente à figura do palhaço, função que o próprio Pinguim exerce há mais de 16 anos. A autoidentificação dos palhaços enquanto poetas, que já mencionamos acima, pode ser notada mais uma vez quando nos atentamos para os títulos das *lives* veiculadas no canal.

Dois mil e vinte foi duro, Carlinho / A porrada foi doída / Nós nunca vimos tanta gente
/ Perder desse jeito a vida / Uma coisa invisível / Fez tanta gente sofrida

São quase quinhentos mil / Só os registrados / Quando passa longe da gente, Disciplina
/ A gente fica encabulado / Mas, quando passa pertinho, / O peito fica apertado

Leocides José da Silva / Pode fingir que é fofoca / Espalha aí que é... Chacal / Na
região carioca / Um senhor de noventa anos / Apelido de Cidoca

Infelizmente, amigos, / Eu não pude conhecer / Eu digo pessoalmente / Mas eu ouvi
muito dizer / Respeitado e abriu o caminho / Para os mais novo percorrer

E foi essa...Gripezinha / Que andou por aí / Que levou o seu Cidoca / E fez os coração
parti / Nesse ponto que eu quero tocar, véi / Então presta atenção aí

Primeiro eu quero lembrar / Dos alicerces da fé / Krishna, Hermes, Moisés / Orfeu,
Platão, Lao Tsé / Pitágoras, Ramá, Confúcio / E o mestre Nazaré

Os mandamentos de Cristo / Eu já li e já reli / Amar Deus sobre as coisas, / Amar o
próximo como a si / E onde está o amor ao próximo / Na palavra “e daí”?

Ó gente, vocês não me venha / Falar que eu sou PT / Os bolsominions de plantão /
Que me xinga e querem me batê / Sabe quantas pessoas morreu? Sabe? / Podia ser
eu / Ou podia ser você

Reconhecer que errou / É um ato tão bacana / Esses quase quinhentos mil / Podia ser
quem se ama / Podia ser sua irmã, sua mãe / Seu maior fã

Por favor não se engana / É daí, e daí eu sou o Messias / Só se for do homem da capa
preta / Cadê aquele amor ao próximo / Escrito nas tabuleta? / Cadê aquele amor de pai,
gente? / Acho que eu nem sou desse planeta

Ó gente, eu tô desistindo / Com medo do Cristo voltar / E novamente a política prender
/ E mandar matar / O pior cego / É o que não quer ver

Eu prefiro me arrepender / Do que as minhas mãos sujar / Me desculpa se eu me
alonguei / Meus amigos companheiro / Imagina a sua filha / Sendo velada no terreiro
/ Os companheiro tudo unido / Vendo aquele... Em vez de eu te dar / Um abraço
verdadeiro / Eu ia olhar nos seus olhos e falar: / Eu não sou coveiro

Me desculpa a ignorância, gente / Vocês podem até julgar a mim / Eu não sou o dono
da verdade / Mas nós estamos perto do fim / Um abraço do Gigi / Essa é pra vocês
refletir / Por enquanto fica assim (PINGUIM DE MIRACEMA, 2021).

A intensidade e a força das palavras de Gigi afetaram os presentes na *live*, como se percebe pelas respectivas expressões faciais e pelo silêncio que se fez após a declamação da poesia. O silêncio é quebrado pelo mediador Carlos, que, visivelmente emocionado, diz: “Olha, vou te contar viu?”. Nessa hora movimentava a cabeça de cima para baixo (em sinal de concordância) e arremata: “Essa bateu, bateu forte”. Ao que o palhaço Disciplina, em atitude concordante, diz: “Essa aí só falou a verdade”.

A partir da perspectiva da “etnografia da fala” (BAUMAN, 1977; BAUMAN e SHERZER, 1975; DURANTI, 1992), que trata as situações de uso e interação mediadas pela fala como performances, podemos destacar que Gigi, em diversos momentos de sua récita, se dirige aos demais presentes, chamando-os pelo nome (Bokinha, Carlinho, Disciplina). Como ato de expressão e interação, construído por quem fala e pelos demais presentes com quem se fala, podemos dizer que a performance de Gigi envolveu os que a escutavam, especialmente seus colegas de ofício que participaram da *live*, intensificando a experiência e o engajamento de todos com a situação.

No exemplo aqui destacado, percebem-se os diferentes elementos constituidores da performance, segundo proposta de Bauman (1977), a saber: exibição de competência por parte de quem fala; reconhecimento dessa competência por parte dos participantes; intensificação da experiência e do envolvimento dos participantes (*performer* e a audiência); enquadramentos que evidenciam, ainda, as dimensões metacomunicativas (BATESON, 2012) e expressivas da fala.

Além desses aspectos, que fundamentam a performance enquanto situação social e comunicacional, a poesia de Gigi ganha sentido e relevância pelo conteúdo de sua mensagem, pelos tópicos tratados e por sua referencialidade. Dessa perspectiva é que emerge sua crítica aguda à condução da pandemia pelo governo federal, com especial ênfase à falta de empatia do presidente para com a população acometida, que perdeu (e ainda perde) entes queridos para a covid.

A crítica do poeta questiona a conduta ética e moral do líder da nação diante do sofrimento de seu povo. Desse modo, Gigi constrói sua narrativa poética colocando lado a lado as situações concretas vivenciadas pelas pessoas e algumas frases do presidente. A primeira que recupera é a resposta do presidente Bolsonaro, ao ser questionado sobre as mortes por covid no Brasil em 20 de abril de 2020, quando o país atingia a marca de pouco mais de 2.500 mortes, com a frase “eu não sou coveiro”. Outro exemplo é o famoso “e daí?” do presidente, dito quando o Brasil, pouco mais de uma semana após a primeira intervenção, alcançava o número de 5 mil óbitos por covid.

Muito mais poderia ser desdobrado da análise da poesia de Gigi, mas passemos para o terceiro caso. Trata-se da poesia declamada por Ronaldo Junior (Juninho), mestre dos palhaços da Folia Penitentes do Santa Marta, no dia 6 de janeiro de 2022, Dia de Reis. Depois de dois anos sem sair em jornada, em 2021-2022, a folia enfim conseguiu realizar seu ciclo ritual, ainda que com algumas adaptações e reduções. Após o período mais crítico da pandemia, com inúmeras baixas, entre elas a do próprio mestre Riquinho, vitimado pela covid-19, a folia retomou suas

atividades rituais, sociais e educativas¹⁵.

Dentre os principais momentos do ciclo de uma folia, podemos destacar o encerramento, que coincide justamente com o dia do santo padroeiro, 6 de janeiro. Como de costume, no Dia de Reis, a Folia Penitentes do Santa Marta realiza sua visita à sede do Grupo ECO, localizado na favela Santa Marta, algumas casas acima da sede da folia. O Dia de Reis, para os foliões e reiseiros, é sempre um dia especial. O Dia de Reis é o dia de festejar a folia de reis e celebrar mais uma jornada cumprida. No contexto da pandemia, a jornada de 2021-2022 foi especial, porque nela, após um ano de maiores restrições, a folia pôde finalmente realizar algumas de suas principais obrigações rituais, a saber, a saída, no dia 25 de dezembro, e a entrega ou encerramento, em 6 de janeiro.

Na ocasião da entrega, a folia visitava a sede do Grupo ECO, entidade sem fins lucrativos de caráter social, educacional e cultural que atua na favela do Santa Marta desde os anos 1980. A parceria do grupo com a folia é antiga, e o próprio mestre Zé Diniz, pai de Ronaldo e avô de Juninho, é um dos criadores do movimento social na favela. Adair Rocha, antropólogo, educador, ativista e parceiro de longa data da folia, recebeu a bandeira.

É interessante notar que o altar montado para receber a visita da folia, além de ter uma bandeira dos três reis magos ao fundo, um pequeno presépio ao centro e dois potes de álcool em gel, trazia uma lona com a palavra “Ocupação”, encimando a seguinte frase do poeta baiano abolicionista Castro Alves: “Bendito é aquele que semeia livros e faz o povo pensar”¹⁶. O trecho da poesia de Castro Alves estampado na lona embaixo do presépio estabelecia uma relação metonímica com a visita da folia, especialmente com a poesia que seria declamada por Juninho.

A folia chega à sede do Grupo ECO por uma estreita escada que dá acesso ao salão onde se encontram Adair, a mesa com o presépio e umas poucas pessoas. No limiar entre esses dois espaços (a escada e a sala), a *bandeireira* entrega a bandeira para o anfitrião, após um afetuoso abraço. Este faz um sinal positivo com o dedo para os demais foliões subirem em direção ao salão. Um a um, os foliões entram e fazem a sua chegada e a cantoria de reis, acompanhada atentamente por Adair. Após a cantoria, tem início a brincadeira dos palhaços. Entre uma

15 Dentre elas se destaca a Escola de Folia de Reis Mestre Diniz. Criada em 2015 por integrantes da Folia Penitentes do Santa Marta, a escola vem se dedicando a transmitir aos jovens (a maioria moradores da favela Santa Marta) conhecimentos e habilidades relacionados a diferentes dimensões da folia: percussão, rima, chula, vestimentas, história etc. Muitos foliões que hoje integram a folia iniciaram sua trajetória na *Escola de Folia de Reis Mestre Diniz*, cujo nome homenageia uma importante liderança, que esteve à frente da folia por 24 anos (de 1985 até 2009, ano de sua morte).

16 A relação entre o Grupo ECO e a Folia Penitentes do Santa Marta foi um dos assuntos tratados por Rocha (2012).

apresentação e outra, Juninho recita o seguinte poema¹⁷:

Ô patrão, tô doido que acabe logo patrão / Essa tal de pandemia / Eu já estava com
muita saudade / De sair com a minha folia

E até o meu álcool em gel / Do meu armário tá acabando / Já são tantas as variantes /
Que eu já tô variando

O negócio é se vacinar, patrão / É nisso que eu acredito / Primeira e segunda dose /
Terceira e quarta, se for preciso

Isso é muito importante / Segue o conselho do palhaço / Eu nem sei qual é a vacina /
Mas já tô virando o braço

Já falei com os meu moleque / E lá foi minha mulhé / Aqui em casa, todo mundo /
Pode até virar jacaré

Mas eu quero que acabe logo / Não aguento mais enterro / Que a ciência descubra
vacina / Para acabar com esse governo, né patrão? (JUNINHO, 2022).

O contexto em que a poesia foi declamada, diferentemente dos dois casos anteriores, foi um contexto ritual. Trata-se da visita da folia à casa de um devoto e amigo dos foliões no Dia de Reis. Além das presenças de Adair, dos foliões e dos palhaços, a sala da sede do Grupo ECO, no momento em que se iniciava a chula, recebeu uma grande quantidade de pessoas, notadamente crianças, para acompanhar a brincadeira dos poetas mascarados. A atmosfera, festiva e celebratória, coincidia com o aumento vertiginoso de casos de covid-19, com a chegada e a disseminação da variante ômicron no Brasil e no Rio de Janeiro. Na ocasião, com exceção do anfitrião e da bandeireira, não observamos o uso de máscaras de proteção.

Apesar do aumento de casos de infecção, os casos não são acompanhados pelo crescimento significativo do número de internações e mortes, justamente por conta do avanço da vacinação, temática abordada por Juninho em seus versos. A poesia de Juninho é estruturada em quadras com versos de sete sílabas, e a rima se dá entre o segundo e o quarto versos.

Na penúltima quadra, há uma clara alusão à patética fala do presidente quando, em dezembro de 2020, ao desestimular a população a tomar vacina, diz: “Se tomar vacina e virar jacaré, não tenho nada a ver com isso”. Juninho, que não tem nada a ver com isso (com a frase do presidente), transforma o desdém pela vacina em um discurso poético pela vacina (para todos – mulher e filhos), em quantas doses forem necessárias. Na última quadra, se dirigindo

¹⁷ A visita da folia à sede do Grupo ECO, que serviu de base para nosso texto, pode ser consultada através do link: http://www.youtube.com/watch?v=C3KH5m9IDNg&t=645s&ab_channel=TvFavela%2FGrupoEco. Acesso em: 04 out. 2022.

ao anfitrião – chamando-o de patrão, termo comum quando os palhaços se dirigem ao dono da casa –, o poeta ainda expressa seu desejo de que a ciência encontre uma vacina (no sentido metafórico) capaz de, finalmente, acabar com esse governo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, procuramos abordar etnograficamente o modo como foliões de reis enfrentaram a pandemia de covid-19, essa calamidade sanitária que nos assola há mais de dois anos, tendo ceifado, até o presente momento (junho de 2022), a vida de 668.968 brasileiros e brasileiras, segundo números oficiais. Entre outras mazelas, a pandemia vem escancarando as gigantescas desigualdades persistentes em nosso país. Hoje já se sabe que os grupos que mais perderam a vida foram os mais vulneráveis socialmente: aqueles que não tiveram a oportunidade (ou o privilégio) de poder ficar em casa, grupo composto, em sua maioria, por negros, moradores das favelas ou periferias. É nesse segmento que se encontram os foliões de Santos Reis, nossos interlocutores.

O tema, por sua relevância e urgência, nos instigou a investigar um emaranhado de associações formado por *lives*, *posts*, *performances* e recitações. Procuramos destacar como as redes sociais digitais têm desempenhado um papel central na expansão das práticas de foliões de reis e no modo como eles as adaptaram para o período liminar da pandemia.

Nesses três últimos anos, desde a deflagração da pandemia, em diversos momentos as folias se depararam com dilemas que os desafiaram à tomada de decisões difíceis. Toda folia, inevitavelmente, em algum momento, precisou ponderar entre sair, conseqüentemente se colocando em risco de contaminação por covid-19, e não sair, deixando de cumprir com suas obrigações rituais. Entre a obrigação e o medo, a saúde e a doença, a vida e a morte, nessa margem tênue e acidentada, é que as folias foram negociando sua existência e resistência nesses tempos incertos. Em todo caso, uma das conclusões deste artigo diz respeito ao fato de que, para nossos interlocutores, realizar seus rituais festivos também é uma forma de garantir a saúde e o bem-estar.

Neste estudo, tivemos a oportunidade de perceber como a pandemia, além de revelar as assimetrias socioeconômicas, pode se transformar em fonte de inspiração, elaboração poética e resistência política. Ao acompanharmos o ver-sejar dos palhaços, travamos contato com a imensa capacidade criativa desses sujeitos, que, apesar de todos os pesares, conseguem fazer da

dor, da perda e do sofrimento criações poéticas reveladoras. Ao longo do texto, vimos e ouvimos a potência dos discursos poéticos dos palhaços, dessas vozes subalternizadas e silenciadas que, quando falam, são provocadoras, argutas e irônicas. As poesias dos palhaços, esses seres liminares que transitam nas margens, nas brenhas, nas frestas e encruzilhadas, são como gritos, lamentos e choros. Ao mesmo tempo em que geram *likes*, curtidas, compartilhamentos e engajamentos, constituem-se como um repertório que movimenta sentimentos, conhecimentos, ideias, moralidades e afetos partilhados.

REFERÊNCIAS

1. BATISTA, Elizeu. **Eu amo folia de reis e [...]**. Brasil, 14 dez. 2020. Facebook: Elizeu Pereira Batista. Disponível em: <https://tinyurl.com/6zjur393>. Acesso em: 04 out. 2022.
2. BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. *In*: RIBEIRO, Branca Teles.; GARCEZ, Pedro (org.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 85-106.
3. BAUMAN, Richard. **Verbal art as performance**. Massachusetts: Rowley, Mass, Newbury House Publishers, 1977.
4. BAUMAN, Richard; SHERZER, Joel.. The ethnography of speaking. **Annual Review of Anthropology**, v. 4, p. 95-119, 1975.
5. BITTER, Daniel. Versos de improviso nas chulas de palhaços de folias de reis. *In*: PIMENTEL, Alexandre Pimentel; CORRÊA, Joana (org.). **Na ponta do verso**. Poesia de improviso no Brasil. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2008. p. 102-117.
6. BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara**. A circulação de objetos rituais nas folias de reis. Rio de Janeiro: 7 Letras: CNFCP, 2010.
7. BITTER, Daniel; CHAVES, Wagner. Missão que segue: folias em tempos incertos. *In*: CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, Renata de Sá (org.). **A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia**. v. 1. Rio de Janeiro: Série Livros Digital do Museu Nacional da UFRJ, 2021. p. 221-242.
8. CHAVES, Wagner. Máscara, performance e mimese: práticas rituais e significados dos palhaços nas folias de Santos Reis. **Textos Escolhidos de Artes e Culturas Populares**, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 75-88, 2008.
9. DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
10. DURANTI, Alessandro. La etnografía del habla: hacia una lingüística de la práxis.

- In*: NEWMeyer, Frederick (coord.). **Panorama de la lingüística moderna de la Universidad de Cambridge**. Cambridge:1992. p. 253-273.
11. ESCOBAR, Arturo. Welcome to cyberia: notes on the anthropology of cyberculture. **Current Anthropology**, v. 35, n. 3, p. 211-231, 1994.
 12. JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. *In*: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 118-162.
 13. LATOUR, Bruno. Une sociologie sans objets? Remarques sur l'interobjectivité. **Revue Sociologie du travail**, v.34, n. 4, p. 587-607, 1994.
 14. LEMOS, Andre. **A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital**. Porto Alegre: Editora Sulinas, 2021.
 15. LEWGOY, Bernardo. A invenção da (ciber)cultura Virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço. **Civitas**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 185-196, 2009.
 16. MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
 17. PAPO DE FOLIA DE REIS. **EU AMO folia de reis! E VOCÊ?** [...]. Brasil, 14 de dezembro 2020. Facebook: Papo de Folia De Reis. Disponível em: <https://tinyurl.com/hhx2vz9h>. Acesso em: 18 jun. 2022.
 18. PINGUINH DE MIRACEMA. **Folia de reis mirin da formiga live com os poetas gigi, renatinho disciplina e chacal**. YouTube, 6 jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2206MWlkwU>. Acesso em: 18 jun. 2022.
 19. REIZADO FLOR DA PRIMAVERA. **Estamos numa pandemia sabemos bem né[...]**. Brasil, 15 set. 2020. Facebook: Reizado Flor da Primavera. Disponível em: <https://tinyurl.com/vexe9cny>. Acesso em: 04 out. 2022.
 20. RIFIOTIS, Theophilos. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31, n. 90, p. 85-99, 2016.
 21. ROCHA, Adair. **Cidade cerzida: a costura da cidadania do Morro Santa Marta**. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio: Pallas, 2012.
 22. SANTOS, Eleacir. **Sou devoto de Santos Reis [...]**. Brasil, 14dez. 2020. **Facebook**: Eleacir Dos Santos. Disponível em: <https://tinyurl.com/vexe9cny>. Acesso em: 4 out. 2022.
 23. SAUTCHUK, João Miguel. **A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino**. Brasília: Editora da UNB, 2012.
 24. SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 2016.

25. SILVA, Hevalcy (mestre Hevalcy). Meu povo me da licença [...]. **Brasil**, 17 mar. 2020. Facebook: grupo Só Palhaço de Folia de Reis. Disponível em: <https://tinyurl.com/mryc2h9c>. Acesso em: 18 jun. 2022.
26. TURNER, Victor. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EdUFF, 2005.
27. VICTORIA, Ceres. Sofrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da Antropologia. **RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 3-13, 2011. Disponível em: www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/764. Acesso em: 22 maio 2022.

Wagner Chaves

Professor do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador do Núcleo de Estudos Ritual, Etnografia e Sociabilidades Urbanas. Doutor em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0479-4445>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação e Revisão do texto. E-mail: wagnerchaves03@gmail.com

Daniel Bitter

Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do Núcleo de Estudos Sobre Ritual e Sociabilidades Urbanas. Doutor em Antropologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2080-9926>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação e Revisão do texto. E-mail: danielbitter@gmail.com